

**Janela de Diálogo 03 - Formação inicial
e continuada em uma perspectiva
dialógica: interseccionalidade entre
classe, raça e gênero**

Paulo Souto Maior

Andrialex Willian da Silva

Thalita Cristina Barroca da Silva

Walber Ferreira da Silva

Daniela Auad

03

Entre 02 a 06 de agosto de 2021, ocorreu na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), no formato remoto, o III Ciclo de Diálogos Universidade e Escola, evento de caráter extensionista que objetiva romper os muros das instituições de ensino superior e se aproximar das comunidades escolares.

O evento contou com diversas Janelas de Diálogos que pautaram temas urgentes, necessários e sensíveis para uma educação pública de qualidade. Um dos eixos de discussão foram as relações de gênero, que ganharam destaque na Janela 3, ocorrida em 03 de agosto de 2021, intitulada “Formação inicial e continuada em uma perspectiva dialógica: interseccionalidade entre classe, raça e gênero”. Como o próprio nome indica, procurou refletir esses temas na formação inicial e continuada de professores/as, recorte necessário para uma educação democrática.

Da Janela participaram a professora Thalita Cristina Barroca da Silva (Mestre em Educação pelo PPGED/UFRN e professora do Colégio Salesiano São José), o professor Walber Ferreira da Silva (Mestre em História pelo PPGH da UFCG), Daniela Aud (Professora da UFJF) e Andrialex William da Silva (Doutorando do PPGED/UFRN). O texto a seguir é a transcrição das falas apresentadas na mesa, dada ao público após uma textualização e reestruturação.

Na transcrição a seguir, acompanharemos um debate instigante onde a necessidade de tratar as categorias sociais da diferença na educação básica e no ensino superior são tensionados e provocados tanto pelas experiências de vida das debatedoras/es quanto pelas suas trajetórias docentes e de militância. As falas das professoras e dos professores apontam para

uma educação democrática, uma educação que transgride, que questiona o presente e combate todos os tipos de preconceito. Boa leitura!

Paulo Souto Maior (DPEC/CE/UFRN)

ANDRIALEX SILVA

Daremos início à terceira janela de diálogo com tema: formação inicial e continuada e a perspectiva dialógica: interseccionalidade entre classe, raça e gênero. Contaremos hoje com a participação de duas professoras e um professor: Thalita Barroca é mulher negra, periférica, mestranda em educação da UFRN, professora de Geografia da Rede Salesiano de Escolas. Walber Ferreira Silva é historiador, cursa mestrado em História pela Universidade Federal de Campina Grande e é professor da escola municipal Pedro Simão na cidade de Cubati. Daniela Auad é pedagoga, doutora em Sociologia da Educação pela USP, é professora da Universidade Federal de Juiz de Fora, onde atua no Programa de Pós-graduação, também atua no programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos. A nossa primeira pergunta para os nossos convidados é a seguinte: de que maneira, teoria e prática, conversa nas abordagens interseccionais, sobretudo gênero, raça, classe e formação de professores? Deixamos claro que já estabelecemos uma ordem dos professores, a primeira Thalita, depois o Walber e por último Daniela. Eu convido a Thalita para fazer sua saudação e seus comentários sobre a primeira pergunta, Bem-vinda!

THALITA BARROCA

Então, essa primeira pergunta nos

traz a essa reflexão, como podemos aliar a teoria e a prática quando falamos sobre interseccionalidade. Dentro das minhas concepções, acredito que existem várias formas como podemos fazer isso dentro da sala de aula. Primeiro acredito que é necessário que nós, como professores, estejamos sempre em busca de pesquisas, em busca de estudos para poder compreender sobre as discussões interseccionais, principalmente nos sentidos de discussões sociais que nós vivemos hoje. Hoje nós vivemos num mundo contemporâneo onde as discussões relacionadas às questões de gênero, raça e classe estão cada vez mais efervescentes, então elas podem não estar, muitas vezes, diretamente no currículo escolar ou nos livros didáticos, que até isso já tem se modificado, mas ela está no cotidiano dos nossos alunos. Nossos alunos quando abrem a tela do celular das redes sociais, de um Instagram, Twitter, etc., vão ver, vão se deparar com essas discussões e elas chegam para nós na sala de aula. Eu acho que é necessário que não deixemos essas discussões passarem. Quando elas chegam até nós, que possamos trazer esses pontos de reflexão como pauta das nossas aulas. Eu sou professora de Geografia e sempre trago esses pontos de reflexão como pauta para os meus alunos. Por exemplo, recentemente, na semana passada, eu fiz uma aula com os meus alunos sobre urbanização, estávamos falando sobre cidade, e com certeza, se vamos falar sobre cidade, é impossível não entrar nas questões de raça, classe e também de gênero, e eu trago para eles Carolina Maria de Jesus como a autora que fala da favela, que fala da periferia, que fala da cidade, é uma mulher, é uma mulher preta, uma mulher

preta pobre, e que merece ser reconhecida, ser estudada pelos alunos. Então é alguém que eu tenho uma referência na minha vida, que eu conheci melhor ao longo das escritas, também da minha dissertação, e eu trago para os meus alunos como uma referência, fazendo essa aliança da teoria e da prática. Além dela, levei para os meus alunos a Conceição Evaristo também como um exemplo nessa mesma vertente. E trago isso, não estou falando de alunos da universidade, eu estou falando de alunos que têm 12, 13 anos. Aliado a isso levei vídeos, por exemplo o vídeo da Rebeca Andrade que recebeu a medalha de ouro e de prata na ginástica olímpica agora nas Olimpíadas de Tóquio (2021), então trago o vídeo dela, no qual está dançando baile de favela na Olimpíada, que está sendo visto mundialmente. O planejamento também consistia em mostrar como é que essa cultura das classes mais pobres das periferias consegue chegar ao mundo e mostrar para eles uma referência, que eu sei que eles têm assistido, no caso as Olimpíadas, Fui levando essas diversas referências para fazer essa aliança entre a teoria e a prática dentro da sala de aula, e já eram temas que os meus alunos sempre me questionavam, me traziam. Então eu acredito que dentro das oportunidades que vamos tendo, vamos conseguindo inserir essas temáticas dentro da sala de aula e sempre é importante trazer esse ponto crítico e reflexivo para os nossos alunos sem deixar esses assuntos, essas temáticas passarem.

ANDRIALEX SILVA

Sim! Uma coisa que a tua fala me lembra é o não silenciamento nesses cenários, afinal o silenciamento, quando estamos discutindo esse

tema, também diz algo sobre como nos portamos, inclusive publicamente, nesse cenário. Convido agora o Walber Silva a responder a pergunta.

WALBER SILVA

Pensar uma escola com Paulo Freire é justamente pensar uma escola a partir da liberdade. Então quando o professor Paulo me passou o questionamento de que maneira teoria e prática conversam nessas abordagens interseccionais, sobretudo de gênero, raça e classe na formação de professores, eu acredito que primeiramente temos que pensar na nossa dimensão política. Eu tenho consciência do meu privilégio de ser homem cis branco, mas ao mesmo tempo eu sou uma “bicha” no interior da Paraíba que dá aula se assumindo gay. Isso choca algumas pessoas, choca pais de alunos, choca alunos também, além da direção de escola. Mas é esse enfrentamento que eu preciso fazer no meu dia a dia. Eu tenho que ter essa noção da dimensão política da minha homossexualidade, uma dimensão que é pessoal, é política e ela é epistemológica também. Então se faz necessário pensar uma história interseccional, por mais que eu viva a partir deste privilégio, enquanto homem cis, enquanto sujeito branco, mas eu também sou atravessada por dores que me afetam de alguma forma e essa sensibilidade que eu gosto de passar para os meus alunos. Eu lembro do prefácio, da primeira edição brasileira de *Mulheres, raça e classe*, de Angela Davis, quando destaca a necessidade da não hierarquização das operações. Então pensando nessa formação de professores, eu acredito muito que a gente precisa, sobretudo na graduação ou na pós, fazer o aluno entender a sua dimensão política, entender, reconhecer

quem ele é enquanto sujeito, e a partir desse reconhecimento fazer isso transparecer na sua aula, na sua fala, no seu existir e no seu devir, que eu acredito estar sendo moldado ao longo do tempo. Na minha graduação eu era um Walber, hoje fazendo um mestrado na UFCG eu já sou um outro Walber, com muito mais potência, no sentido de acreditar em mim mesmo como sujeito.

ANDRIALEX SILVA

A fala do Walber nos instiga a pensar em como nós somos professores e que a nossa identidade de professor não pode reprimir nossas outras identidades, nós somos sujeitos de múltiplas facetas. Eu sou homem, sou cis, sou gay, sou professor, sou nordestino e quando eu estou dentro de sala de aula essas várias identidades ainda assim perpassam a minha prática, então é importante que a gente pense sobre isso e pense sobre como essa complexidade chega aos nossos alunos e como eles começam a se entranhar e se encontrar no meio dessas várias identidades que nós podemos ter.

DANIELA AUAD

Eu quero falar da minha alegria pessoal de estar aqui, que tenho certeza que partilho com vocês, de estarmos construindo neste momento uma prática profundamente pautada na educação que Paulo Freire pensou para todas as pessoas. Paulo Freire, embora não tenha pensado nos termos que hoje pensamos, a partir também das nossas homossexualidades e dos movimentos sociais dos quais participamos, nos quais também nos formamos tanto como militantes, como professores em

nossas múltiplas identidades, deu margem para releituras, posto que propicia os seus encontros com a educação em todos os níveis e modalidades de ensino. Assim, prever isto que Walber falou de uma maneira, que Thalita falou de outra e que, na minha fala, também abordarei, trata-se de vislumbrar essa dimensão política na construção da escola democrática, da educação básica até a universidade e também nas pós-graduações.

Ao formar professoras e professores na universidade e na pós-graduação, pedagogas, professoras e pesquisadoras para todos os níveis de ensino — que é o que eu faço há algum tempo —, assumimos que, de alguma maneira, essa prática é amorosa, mas não é aquele amor de babadinho, aquele amorzinho, é aquele amor na melhor tradição em que se diz: “venha cá que nós vamos conversar sério agora”. E assim digo, pois transgressão é sacudir, dar trabalho, tirar do lugar, deslocar energias e, sobretudo, é militância, até para professoras/es que não acham que estão militando. Até em lugares aparentemente esquecidos pelas políticas públicas, onde quer que tenha uma escola, lá está a docente, e ela, por estar lá, per si, já está militando, porque ninguém, se não ela, ou, ainda, poucas e raras pessoas, iriam lecionar naquela realidade. Há, portanto, a trajetória pessoal e subjetiva da atividade docente, que se entrelaça com a jornada de trabalho e sua essa dimensão política. Nesse sentido, e como nos ensina o Movimento Feminista, o político é pessoal e o pessoal é político, desmembrando as definições do conceito que criei e nomeei como tríade mulher-mãe-professora nas nossas múltiplas identidades como mulher, mãe feminista, lésbica, pesquisadora, escritora etc.

Inclusive minha echarpe (fazendo referência a lenço no pescoço em cores do arco-íris) não é uma bandeira, é um mimo que ganhei quando fui à Jacobina, no campus da UNEB ali na Serra na Bahia. Contudo, agora eu estou me vendo na tela desta live, com a bandeira no pescoço. E penso: “mas gente, eu vim com a bandeira no pescoço...”. E acredito que seja isso mesmo, eu estou sempre com a bandeira no pescoço, de alguma maneira, seja na minha voz, no meu coração, na minha corporeidade e, agora, até quando ela é na tela, porque é pouco pixel para tanta vida que nós todos, todas, todes, temos aqui, Walber, Thalita, Vândi que está aqui nos colocando uma mensagem bonita, enfim todas as pessoas que aqui estão. Eu queria dizer da dimensão política de fazer docência dando aula de sociologia da educação tendo que ensinar Marx, Weber e Durkheim e também com a perspectiva de gênero, de raça, de geração numa disciplina que alegam que deveria ser “apenas” de sociologia, acerca da qual tenho colegas docentes nos dizendo que temos de ensinar os clássicos, não temos de “ficar falando” de gênero. E não pensem que esses são docentes necessariamente do campo conservador ou fundamentalistas, muitas vezes são docentes que dizem assim: “‘eu tenho até um amigo gay’, ‘eu sou do partido dos trabalhadores’, ‘eu voto em Margarida Salomão’ — que é a prefeita em Juiz de Fora —, ‘quando presidente votei no Haddad’”, mas isso de ficar falando de lesbianidade — como faz a minha aluna Camila Roseno, professora do município de Remanso e doutoranda aqui de UFJF, por exemplo —, constitui saberes docentes, que é a pesquisa dela na educação básica “aí já é demais!”. E eu, que pesquiso saberes docentes e lesbianidades

fora do armário no Ensino Superior, digo: não é demais, não!

Trata-se de uma outra dimensão política da pesquisa sobre os saberes docentes, seus exercícios e práticas, que se referem à docência na escola e que será democrática quando diversidade não for um slogan, posto que tem de ser uma prática no modo como se ensina alunas a escreverem seja um ensaio de sociologia na graduação, seja uma redação no terceiro ano do ensino fundamental. Ser alfabetizado ou formado pedagoga, seja na educação básica, seja no ensino superior já não basta para termos a democracia assegurada na sociedade. É preciso letramento acadêmico, político e textual, em todos os níveis e modalidades de ensino.

Esses esforços de letramento, que se dão ao longo de toda a vida, demanda mais de todas as pessoas e, portanto, das aulas também, ao longo das variadas etapas do sistema de ensino. E vale ressaltar que docentes também aprendem e exercitam esse letramento ao longo de toda a vida, e é em razão disso que há a faceta docente desse letramento. Nesse sentido, há uma aluna aqui que está nos assistindo, a minha monitora Reislá que, junto comigo nas aulas, me ensina a cada semestre a falar com as alunas de uma maneira repleta de amorosidade com as colegas dela, que aquele texto não está bom para ser ensinado de dado modo, que aquilo que pensei não tem possibilidade de escuta no meio acadêmico atual porque pode ser hermético, pode ser excludente ou assustador. Então, juntas, nós vamos tomando conta, porque como disse o Emerica, nós estamos aqui realizando o regresso, a volta daqueles e daquelas que nunca estiveram aqui, de modo que isso faça sentido para quem até hoje foi expulso e está de volta,

pelas nossas ações e desejos de equidade e de amor à coisa pública.

ANDRIALEX SILVA

Eu agradeço a resposta dos três. São respostas que nos instigam a pensar e refletir, inclusive sobre a não neutralidade do campo docente. Às vezes a nossa bandeira e quem somos “tem que ficar até aqui, daqui em diante, na minha sala de aula, não pode passar essas bandeiras”. É importante pensar como nossas bandeiras podem passar a sala de aula e transpassar os nossos alunos por meio do nosso fazer docente, fugindo daquela já tão dita neutralidade, que as vezes vira um jargão, educação não neutra, e às vezes não pensa sobre o que Paulo Freire realmente queria dizer sobre essa educação não neutra. E agora eu faço a segunda pergunta que é: diante da cruzada ideológica que temos vivido, quais caminhos poderíamos pensar e discutir para defender esses estudos na educação básica? Passo a palavra para a professora Thalita.

THALITA BARROCA

É uma pergunta bem complexa diante de tantos momentos que nós temos vivido em vários espaços, muitas vezes, o caminho que alguns gestores ou algumas pessoas vão tomar são caminhos de limitação, por medo ou por receio, que a gente compreende. Mas esse é um momento, como a Daniela e o Walber também falaram, onde nós devemos continuar levando, levantando as nossas bandeiras e não é o momento de nos calarmos, nem de recuar. É um momento de avançarmos, é um momento onde todos os alunos, desde o ensino mais básico, do ensino infantil à graduação, pós-graduação

tem chegado com cada vez mais dúvidas, tem chegado com cada vez mais questionamentos, mas também cada vez mais instigados a compreender essas questões, e acredito que trazer essas reflexões, essas discussões, é mais que necessário. Nesse momento é preciso levantar essas discussões e não recuarmos. Nos colocarmos no caminho dessa batalha que não tem sido fácil. Quando eu falo assim parece que é uma coisa simples de fazer, mas não é. Não é fácil quando em uma escola — e digo porque como professora e tendo vários amigos professores nós conversamos e temos trocas entre os professores —, eu escuto de escolas que proíbem atualmente questões que abordem até mesmo a revolta da vacina, fatos históricos... o professor fica limitado. Mas a gente sempre deve colocar a necessidade dessas discussões, a necessidade desses assuntos nas nossas salas de aula, porque essas necessidades não são só uma necessidade. Por exemplo, eu sou uma mulher negra que veio da periferia e discutir sobre gênero, raça e classe não é só porque eu sou uma mulher negra que veio da periferia, é porque é um assunto, é uma temática necessária à nossa sociedade. Tendo em vista que a nossa sociedade é baseada em uma norma, que é o homem branco cisgênero heterossexual cristão, então essa norma precisa ser discutida na nossa sala de aula e com constância, com veemência de forma que os nossos alunos cheguem a essas reflexões, de compreender que mesmo que não estejam naquela posição de mulher, de pessoa preta, de pessoa que não é heterossexual, das diversas sexualidades ou que não é cisgênero, enfim, mesmo que essa pessoa não esteja, que ela entenda que é necessário enxergar o lugar desse outro com

respeito e enxergar o lugar desse outro com uma necessidade de representatividade de espaço de voz. Porque nós já temos voz, mas a questão é que as nossas vozes muitas vezes têm sido marginalizadas, têm sido colocadas à margem da sociedade. Então é necessário que os nossos alunos reconheçam que essas vozes precisam ser ouvidas e que há algo a ser dito por essas pessoas, porque por muito tempo o que nós falávamos era colocado como algo menor, era colocado como uma discussão que não faz sentido. “Não faz sentido, você mulher, dizer que quer igualdade entre os gêneros, você não já tem tudo o que quer?” alguns grupos vão dizer. “Não faz sentido o negro falar de racismo no Brasil”, dirão também “no Brasil, quem é que não tem um sangue negro, indígena em algum canto da sua geração?”. Quando, na verdade, nós que temos os fenótipos expressos no nosso rosto, no nosso cabelo, no nosso corpo, continuamos sofrendo, sendo silenciados, sendo excluídos da sociedade. Então é necessário que essas discussões, mesmo que queiram nos limitar, sejam levantadas cotidianamente. Como eu falei no início da minha fala, seja para crianças, seja para adolescentes, seja na graduação ou na pós-graduação, essas discussões precisam entrar nas nossas práticas sempre.

ANDRIALEX SILVA

Uma coisa que a Thalita nos provoca a pensar é essa questão de dar voz... não é dar voz, porque essas pessoas já têm voz, é questão de abrir espaço para que sejam ouvidas. O Paulo Freire fala, na Pedagogia do Oprimido, que uma democracia onde todos falam, mas ninguém escuta é apenas uma pseudodemocracia. É preciso que nós realmente possamos nos ouvir

em formato de diálogo e não apenas “vou dar voz, mas não ouvir essa voz”. É necessário que possamos ouvir essas vozes que estão aí por trás, e que essas discussões superem seu lugar de marginalidade, do que está ali posto em um canto e não vem para o centro das discussões, e realmente superar esses estigmas e esses preconceitos. É preciso lembrar que os saberes e as ciências desconstruem e desmontam mitos em vários sentidos. Agora eu passo a palavra para o Walber.

WALBER SILVA

Depois desta fala potente de Talita, a gente fica até sem saber o que dizer. Eu acredito que a gente tem que, enquanto professor da rede pública, fugir um pouco do engessamento do livro didático, sobretudo agora nesse contexto em que nós estamos, de todo tipo de repressão, às diferenças por parte desse governo de extrema direita. Então precisamos trabalhar muito um currículo oculto, temos que falar de si sim, como Thalita falou, temos que expor as nossas múltiplas identidades dentro da sala de aula, e acredito que de alguma maneira é preciso pensar historicamente e de modo interseccional essas relações de gênero, de modo que a escola não seja um reprodutora de desigualdades, de invisibilidades, de exclusões. Eu fui aluno em uma escola, durante a minha infância adolescência (anos 1980-90), e eu via que não era uma escola para gays, para LGBT's, na época da minha infância era GLS, não havia LGBTs que se mostrassem. Eu não tinha referências LGBT, eu não tinha referências de professores, eu não tinha referências de pessoas dentro de casa, e isso eu fui tendo que aprender a base de muitos sofrimentos que

foram pavimentados, construídos, talhados no meu corpo. E quando eu chego na fase adulta, que eu me formo professor, eu passo a pensar naquele Walber que foi uma criança, que foi um adolescente, sem essas referências, e passo a me colocar no lugar dos jovens dissidentes de suas orientações sexuais ou de gênero. Respondendo a primeira pergunta, agride muito a um grupo de pessoas, agride aos evangélicos, “mas o professor não precisa falar que é gay, esse professor não precisa falar que é viado, para que falar isso?” E eu falo sim porque existe uma criança, uma adolescente LGBT dentro da minha sala de aula que precisa de uma referência, precisa de alguém do qual ele se identifique, não só na disciplina, mas enquanto identidade que está se formando. Isso ajuda os meus alunos a pensar um pouco sobre si, isso chega a ser até mais importante do que o governo de Getúlio Vargas que eu vou falar sobre na aula de História. Então eu tenho que fazer, eu tenho que abrir espaços para essas discussões, que de certa maneira, são interseccionais também.

ANDRIALEX SILVA

Agradeço ao professor Walber. A fala dos dois nos provocam a pensar que estas discussões não precisam estar só com o ensino médio, não precisam estar só no ensino superior, nos últimos anos da educação básica, é preciso pensar nessas discussões como transversais ao currículo, transversal ao sistema de escolarização, afinal de contas quando a vamos na educação infantil, já temos exemplos de racismo, mesmo as crianças com mais tenra idade reproduzem gestos, falas, ações que veem no seu dia a dia. Se vivemos numa sociedade que é estruturalmente racista,

essas crianças vão acabar reproduzindo isso de alguma forma. Então, a educação que pensa como pauta o gênero, raça e classe, acontece desde a educação infantil até o ensino superior, pós-graduação, doutorado. Queria passar agora a fala para a professora Daniela Auad.

DANIELA AUAD

Antes de começar a dialogar sobre o que foi dito, queria dizer que seu orientador, ou sua orientadora que eu não sei quem é, deve estar muito orgulhoso, orgulhoso de você. Você está fazendo um papel de mestre de cerimônia, âncora e comentador belezinha.

Sobre o que que foi dito, em primeiro lugar, é importante que a gente entenda que diante dessa cruzada ideológica, muita gente não está diante de uma novidade. Quando eu comecei a estudar gênero em 1990, lá no meu ensino médio, a professora trouxe para a escola Salesiana, colégio de Santa Inês, quase escondido, um livrinho da Heleieth Saffioti, chamado *O poder do macho*. Ela deu para a gente ler, porque ela era a professora que não era religiosa, e tinha irmãs religiosas que eram à frente e outras mais conservadoras, assim como tinham professoras que não eram religiosas e eram super conservadoras. Enfim, em todo bom colégio tem de tudo, como no mundo. Então, eu fui para USP, e, como naqueles memes de internet, “os Marxista pira, mano”. Imagina feminista, imagina gênero, em 1992. Então, a gente não precisa dos conservadores, na atualidade os fundamentalistas, que querem nos criminalizar hoje para dizer que nós estamos fazendo tudo errado. Colegas docentes pesquisadoras, na pós-graduação já diziam que a gente publica “bobajada”. Você pode ter,

modéstia à parte como eu, mais de 1000 pontos no Lattes — *ai que vaidosa...* —, eu trabalho pra caramba, adoro pesquisar e escrever sobre o que descobrimos, com as minhas alunas. Temos muito a dizer e temos convicção que fazemos parte da construção de uma educação com mais justiça social, da creche às pós-graduações. Tenho trabalhado com o desenvolvimento de **três conceitos de justiça**, cujas definições se interligam. Assim, não basta termos **justiça acadêmica**, apenas com mais vagas na universidade, por cotas, por exemplo. Cotas importam muito, mas não bastam, posto que garantir acesso não corresponde a garantir permanência e qualidade, sem sofrimento psíquico ou adoecimentos advindos de um ambiente potencialmente hostil e no qual os sentidos dos saberes em tela estão apartados das realidades discentes. Assim, a despeito das especificidades de cada nível e modalidade de ensino, só as vagas na creche, na pós e na graduação não bastam, portanto. Há de se buscar **justiça epistêmica**, que se refere ao sentido e significado que podem fazer os conteúdos de ensino-aprendizagem, ao se colocarem em diálogo com os saberes de discentes, em suas variadas localidades sociais, identidades raciais e de gênero, diversas orientações sexuais e momentos geracionais. As aproximações e diálogos verdadeiramente estabelecidos com discentes, garantem mais do que acesso, de modo a assegurar permanência. De maneira a encerrar o **trio das justiças educativas** que aqui trago a baila, denomino de **justiça científica** a possibilidade de fazer ciência, para além de ter a vaga e os saberes acumulados ao seu dispor. Trata-se propiciar que mulheres Lésbicas, Bissexuais e Pessoas Transexuais

possam produzir ciência e, assim, tornando fator de impacto da universidade algo tão acadêmico quanto social.

Esse é o amor em modo “papo reto” que mobiliza, transforma e que também conserva os valores republicanos, é o amor pela coisa pública, pela universidade pública de qualidade. Essa é a nossa melhor maneira de marcar a nossa estadia nesse mundo, nossa jornada nesta sociedade, ao ensinar, pesquisar, estudar, escrever e dialogar. Por outro lado, não é de hoje que querem nos deslegitimar em todas essas nossas searas de trabalho, militância e existência. Isso coloca a importância de basear nossas ações em marcos legais que asseguram nossas práticas pedagógicas, nossas pesquisas, nossos saberes partilhados e construídos com e pela comunidade. Ao mencionar comunidade, me refiro não apenas à comunidade acadêmica, mas ressalto, por exemplo, as redes tecidas com as docentes feministas lésbicas de variadas redes de ensino, pelo Brasil e pelo mundo, assim como os laços com os movimentos sociais dos quais fazemos parte, para ocupar, resistir e transformar, a partir da educação, como território de resistência.

Hoje, saio daqui mais rica em redes. Eu tenho Walber, eu tenho a Thalita na minha rede, Andrialex, eu tenho Vândi, e é importante a gente estar em rede, seja para ter parcerias pontuais para algumas coisas seja para estarmos juntas sempre, para as grandes causas. E ao lado disso, agir a partir de marcos legais, não esquecer o que a LDB nos conta, o que a Constituição nos conta, e lembrar que essas cruzadas ideológicas são todas inconstitucionais. Então, tem decisão judicial errada que depois vai ter que reformar porque a gente não precisa de

alvará para existir e nem precisa andar com um habeas corpus no bolso. Bandidos não somos, nós amamos! Amar não é crime! Por falar nisso, quem mandou matar Marielle? É isso.

ANDRIALEX SILVA

As falas sempre nos provocam a pensar muito, e uma coisa que a professora Daniela me instigou a pensar é que por eu ser gay, eu não ganho a carteirinha para saber tudo sobre a comunidade LGBTQIA+ e cometer um ato lesbofóbico, por exemplo. Por eu ser gay, eu não ganho uma carteirinha para não ser racista. É uma desconstrução construída diariamente, digamos assim, é preciso...

PAULO SOUTO

Olá. Vou dar continuidade. Então, nós tínhamos três perguntas que foram formuladas ao longo da mesa, e iríamos colocá-las para vocês debaterem. Nós temos perguntas para essa nova rodada de debates. Vou fazer as três perguntas sequenciadas e então vocês ficam mais à vontade para responder dentro de dez minutos. Vamos a primeira pergunta, da Viviane Aline que coloca o seguinte, “bell hooks fala como ela se encantou com os pensamentos de Freire, o livro “Ensinando a transgredir” penso eu. Vocês entendem que ao tratar essas questões na escola estamos ensinando a transgredir, como enxergam na prática?” Tem uma pergunta também da professora ngela que coloca: “como levantar, instigar discussões de gênero, sexualidade de forma interseccional à prática curricular?”. E uma outra pergunta, feita por este que vos fala, que diz: “gostaria de saber se as debatedoras estudaram as temáticas de gênero quando cursaram a formação inicial

e de onde vem o interesse pelas suas áreas de estudo.” É uma pergunta geográfica, mas também política, porque muitas vezes a gente estuda para se estranhar e para compartilhar o nosso estranhamento com o outro, fazendo assim do mundo um lugar um pouco melhor. Então essas são as três questões, de repente pode ser que surjam outras após essa rodada. Acredito que podemos seguir a mesma ordem, primeiro a Thalita, o Walber e na sequência a Daniele.

THALITA BARROCA

Vou responder a pergunta do Paulo primeiro, o contrário para minha lógica parece melhor, e acho que a da Vândi e a da Viviane se assemelham bastante, o questionamento, que eu também vejo como uma provocação, que as duas trazem para nossa discussão. Primeiro, essas discussões sobre gênero, raça e classe estiveram pouquíssimas na minha formação — para não dizer que não estiveram. Elas passaram bem no fundo e na minha formação inicial, tanto antes de entrar na graduação, na minha educação básica, quanto na minha graduação, foi muito pouco os levantamentos e estudos sobre. Isso me instiga por questões pessoais, como eu já falei, eu sou uma mulher negra, da periferia e quando eu pensei entrar na pós-graduação, era um desejo que me levava também a querer falar de uma temática, de algo que tivesse a ver com a minha vida e com a minha vivência, e que fosse mais próximo de mim e dos meus, que fosse algo que falasse, como a professora Daniela falou... não adianta a gente falar de questões que são amplamente importantes para a sociedade e a gente não conseguir dialogar com os grupos de quem nós

falamos. Então eu sentia essa necessidade, eu sentia essa falta durante a minha graduação de ver textos e pesquisas. A minha formação foi em Geografia inicialmente e, a partir da falta que eu senti, eu comecei a fazer algumas reflexões. Eu paguei primeiro uma disciplina com a professora Vandi, era ela e a professora Karine que também é do departamento que estavam ministrando a disciplina na época, e foi uma disciplina que me abriu muitos caminhos porque discutiam muito questões de gênero, muitas questões sobre sexualidade, traziam muitas dúvidas e questionamentos, alguns que eu já tinha e outros que foram surgindo ao longo do processo quando eu estava pagando a disciplina. E ali foi onde eu encontrei o que eu queria pesquisar, foi ali onde eu comecei a perceber que eu quero realmente isso e como chegar nesse ponto. Foi aí onde eu tive um reencontro com uma parte de mim que sempre esteve emergente, mas digamos que é nesse momento, onde eu percebo que ela pode servir de mote para uma pesquisa que é o funk. E aí o funk vai perpassar a minha história, minha infância, adolescência mesmo que no momento em que eu estava na igreja, o funk não deixou de estar ali, e é um processo interessante. E aí eu vou para a pós-graduação, no momento estou pesquisando sobre o funk, sobre o currículo do funk e as performatividades de gênero que vai ensinar para as mulheres. E estou prestes a defender, daqui há um mês. Então, esse é meu processo de formação. E eu tenho interesse em continuar trabalhando com isso, continuar em uma pesquisa, no doutorado, enfim, trabalhando com isso. Essa responde a primeira pergunta. E vamos para a pergunta de Viviane e Vandi. Viviane pergunta sobre essa relação da bell

hooks e Paulo Freire, essa questão da transgressão e a professora Vandi pergunta sobre como levantar, instigar, essas discussões de forma interseccional. Então, primeiro Viviane, eu adoro a bell hooks, usei muito ela na minha pesquisa, eu li mais de um livro dela para minha pesquisa, ela é uma autora que me inspira muito porque eu acho que ela fala muito sobre transgressões, em pelo menos todos os textos que eu leio dela, ela parece muito pessoal, sempre que eu leio os textos, eu me sinto muito próxima dela. Eu lembro que o primeiro texto era ela falando justamente sobre essa questão de transgredir, ela estava falando sobre o vernáculo negro, no ensino nas escolas norte-americanas. E eu acho que existem várias formas como a gente pode levar a essa transgressão, existem vários modos onde a gente pode trazer essas transgressões para a nossa prática. E, já juntando também com a questão da professora Vandi, acredito que a gente tem que trazer primeiro dentro de si, esse cotidiano do aluno que é uma prática também necessária. A gente já consegue trazer, como eu falei na minha primeira fala, essas discussões, tendo em vista que na minha sala de aula, sempre vai existir uma... Sempre não, mas na maioria das vezes porque existem muitas salas de aula onde ainda existe pouca presença de pessoas pretas; existem salas de aula onde a gente vai ver pouca presença de pessoas trans, então a gente vai ver que essa diversidade muitas vezes é impedida porque alguns grupos não têm acesso à educação. Muitas vezes na nossa sala a gente vai ter mulheres, pessoas LGBTQIA+, negras, e a gente vai trazendo desse cotidiano um pouco para a sala de aula, um pouco dessas transgressões que são

cotidianas. É quando o aluno adolescente está brincando um com o outro ali, no que ele acredita ser uma brincadeira, e ele fala assim: “Quem correr daqui até ali e chegar por último é gay”. É nesse momento onde você vai trazer a prática que transgride, você vai chegar para ele, você vai questionar, vai dizer “Mas por que você está falando isso?”. Ou quando o aluno, um menino, está apostando corrida com outros, e diz: “Quem chegar por último é mulher”. Temos que perguntar, “Por que existe essa ideia? Que ideia é essa que você traz?”. Temos que nos questionar que ideia é essa que ele está construindo nessa relação com o colega. Então acredito que essas práticas de transgressão estão nas nossas salas de aula, estão nas nossas caras com uma constância muito grande. E eu acredito que a gente tem que pegar esses motes e trazê-los à discussão. Levantando e dizendo “olha só, isso aqui que você falou, isso aqui que você fez, essa ação que você teve, foi uma ação que desrespeita, foi racista, machista.” É necessário que a gente coloque isso. Como a professora Daniela falou, nem sempre esse processo é um processo onde a gente acolhe e alisa abraça dizendo: “Oh, que lindo, que você fez”. Muitas vezes vai ser um processo onde você vai precisar ser bem duro com o seu aluno e chegar para ele e dizer assim “olha, isso aqui é um desrespeito sem tamanho, e você não pode agir assim.” E é não perder essas oportunidades, é você saber pegar... claro que também é conseguir incluir isso dentro dos currículos, das práticas, das temáticas das aulas, mas você não deve perder também essas oportunidade. Das coisas que a gente acredita que são pequenas e que a gente muitas vezes diz assim: “ah, não vou discutir isso porque isso aqui, ele só disse que ele tem

que usar azul porque ele era menino, não é uma discussão de gênero. Para que eu vou trazer isso como uma discussão de gênero se ele só disse isso?” Na verdade, é uma coisa que está muito maior e que traz muito mais questões para a gente discutir quando isso chega na nossa sala de aula. E, além disso, a gente também pode trazer as práticas das temáticas de aulas mesmo. Como uma pessoa que pesquisa sobre funk, eu sempre tento trazer funks para minha sala de aula, ou raps, abordar essas questões com os meus alunos, e vou tentando colocar isso na minha sala de aula de todas as formas como eu posso. Eu vou falar de população em geografia, eu vou falar das desigualdades de gênero, eu vou falar como as mulheres, enquanto um grupo que constituem a nossa população recebendo menos que os homens, mas com uma jornada maior que as dos homens. Eu vou falar da população, eu falo também das diversidades de população que a gente tem. Eu vou falar de cidade, eu falo de desigualdade, eu vou falar de favela, vou falar dos diversos espaços, obviamente dentro da geografia, mas existem tantos outros pontos que a gente pode abordar, que a gente pode trazer outras coisas a partir de uma perspectiva diferente. Recentemente eu estava conversando com uma colega minha que é educadora física e ela me falou que estava planejando aulas e dentre os temas ela sempre trazia questões de gênero e sexualidade para abordar nas aulas de educação física de uma maneira ou de outra. Isso estava sempre ali, mesmo que fosse em um filme, em uma música, fica ali. É importante que seja abordado e que a gente coloque esses pontos de transgressão para os nossos alunos, como disse a professora Daniela. Então que a gente

ensine os nossos alunos a transgredir e mostre pra eles que existem diversos caminhos que nos levam a essa transgressão e que esses caminhos são diários. Eles estão dentro e fora dos diversos espaços escolares, mas eles nos encontram diariamente e acredito que é isso.

ANDRIALEX SILVA

As falas me fizeram pensar dois pontos que são importantes: o primeiro é que não espere que sua sala tenha um aluno gay ou tenha uma aluna negra para discutir sobre raça ou sobre raça, sobre classe, sobre gênero, sobre sexualidade. Essas discussões são para todos. Tem um vídeo do YouTube que é “Racismo é coisa de branco”. Racismo, raça, classe são coisas para serem discutidas com todos, não espera apenas que tenha aquele aluno na sua sala, ou que tenha um aluno x ou y dessa forma ou daquela. Outra coisa que a fala da Thalita me faz lembrar é que esses temas não são disciplinares, não pertencem a uma disciplina, não são da História, não são da Sociologia, mas eles são transdisciplinares, eles caminham ou passeiam entre as disciplinas. Para falar transdisciplinar, foca na particular trans, que quer dizer “além de”, ou seja, além de qualquer disciplina, você pode discutir isso a qualquer momento, em qualquer disciplina. “Mas minha aula é de matemática”, mas como a matemática pode dialogar sobre isso? Acho que é importante pensar um pouco sobre esses elementos. E agora eu passo a fala para o professor Walber.

WALBER SILVA

Eu vou começar pela pergunta do professor Paulo sobre a minha formação. Na graduação eu tive professores que já trabalhavam

pautas em suas aulas, questões de gênero e sexualidade no contexto das disciplinas do curso de Licenciatura em História. Um privilégio para mim, porque eu entrei na universidade em meados da década de 90, na UFCG, que era a antiga UFPB Campus II e eu tive o privilégio de ter professores que, de certa forma já nos colocam, ainda que de forma acanhada, questões e temáticas sobre o corpo, em um contexto do qual o marxismo ainda estava muito presente nas Humanidades — apesar de alguns professores começarem a nos apresentar outros autores, a partir de uma perspectiva de uma História Cultural, fazendo um diálogo interseccional, inclusive teoricamente falando. Isto foi importante, conhecer outras abordagens teóricas/metodológicas, outras temáticas e isso fez com que acendesse aquela fagulha em mim. Eu já me reconhecia dentro de uma dissidência de gênero, já me reconhecia gay aos meus 17, 18 anos de idade, já me entendia dessa maneira. Temáticas sobre gênero, sexualidade ou mesmo o corpo, ajudaram a me fortalecer e crescer como pessoa, a perceber essas identidades que estavam se formando em mim e ao mesmo tempo me instigar a começar a estudar sobre uma temática que me atravessava... Hoje, eu estudo as bichas do interior na cidade onde eu moro. Uma cidade do interior da Paraíba, onde existem masculinidades hegemônicas, das quais eu mesmo não faço parte delas, mas eu faço parte de uma masculinidade periférica. Isso de alguma maneira incomoda algumas pessoas, sobretudo, sujeitos políticos partidários, da cidade. Eu já ouvi tio de ex-prefeito dizer que iria me matar por exemplo, justamente pelo fato de que eu não sou a bicha preocupada com o seu gozo, eu sou a bicha que fala na

sala de aula sobre ser bicha, eu sou aquele sujeito que mostra porque que eu sou um ser assujeitado, e também evidenciando onde eu sou privilegiado. Eu lembro de uma ocasião, já respondendo a primeira e a segunda pergunta que falam sobre questão de transgressão, eu estava em uma sala de aula e havia uma mulher trans que trabalhava na escola, trabalhou pouquíssimo tempo, e uma mãe veio à escola para questionar a gestão escolar o porquê de aquela mulher trans estar lavando o banheiro feminino — na cabeça daquela mãe não era uma mulher, era um homem, e não poderia estar lá fazendo a limpeza do banheiro feminino porque tem que ser uma outra mulher ou uma “mulher de verdade”. E veja que eu usei essa situação problema para dentro da sala de aula para falar ou fazer uma discussão interseccional e me colocando também no lugar, o lugar de privilégio que eu estava dentro da sala de aula como professor, cis, branco, gay, mas representando um papel de gênero enquanto a minha amiga, que é uma mulher trans, estava na parte da limpeza, ela preta, com condição social menor que a minha, naquela ocasião. Aquilo ali nos separava de alguma maneira, mas nos aproximava quanto a forma como as pessoas nos olhavam, ela tanto nos distanciava quanto nos aproximava. Então foi uma questão como essa que eu sugeri trazer para dentro da sala de aula em meio... falar sobre revolta da vacina ou qualquer outro assunto, eu parava aula para discutir uma questão como essa, que acredito que seria muito mais pertinente, muito mais válido, muito mais rico do que estar falando sobre Primeira Guerra, Segunda Guerra Mundial ou os números de quantas pessoas morreram ou deixaram de morrer, os números

frios secos das guerras desses conteúdos que são engessados e que nos engessam pelo livro didático de alguma maneira. Eu acredito que seja a forma de transgredir, de ensinar aos alunos a transgredir. Outra situação, a cidade onde eu moro, ainda pratica muito o Desfile Cívico de 7 de setembro — é um acontecimento nas cidades, cidades do interior com menos de 10 mil habitantes —, e pensou-se em colocar nesse desfile uma discussão de gênero, onde haveria um armário e alguém sairia dele dizendo que tirasse seu ódio do caminho para seguirmos com o nosso amor. Houve todo um burburinho na cidade, a cidade ficou em polvorosa porque o professor de arte, junto com o diretor da escola, iria colocar um “armário” no desfile cívico e iria fazer do desfile uma parada gay em Cubati, interior paraibano. Foi um escândalo na época. Havia uma surra prometida para mim e para o professor de artes. Então quer dizer, é o desfile, aquilo que planejamos não aconteceu por muitas pressões, desde a Secretaria de Educação até mesmo a nossa prática, tivemos que remodelar tudo. Mas, em contrapartida, chamamos as mães dos LGBTs que estudavam na escola e colocamos no desfile de 7 de Setembro, todas com placas com representações sobre o respeito à diversidade e falas de respeito aos LGBTs e as dissidências de gênero. Então eu acho que, mesmo quando nós fomos silenciados, criamos táticas para transgredir, eu acredito que seja isso, estamos sempre sendo silenciados. É o que a professora Daniela falou, essas cruzadas ideológicas sempre existiram e vão continuar existindo em maior ou menor proporção, então cabe a nós criar as nossas estratégias e lutar, continuar lutando. É dessa maneira que a gente vai ensinar dentro de um currículo que

é neoliberal, dentro de um currículo que só quer visar apenas português e matemática como sendo as grandes disciplinas, quando as demais que são tidas como periféricas, como “tamboretas” ensinam tanto quanto português e matemática. Que a gente possa trabalhar desta maneira interseccional, inclusive pensando todas as suas questões para produzir essas transgressões.

ANDRIE ALEX SILVA

Tem uma coisa que, eu não vou lembrar o autor nesse momento, mas depois eu posso colocar nos comentários do chat no YouTube, mas é sobre nós, enquanto professores, não damos aula, mas fazemos aula com nossos alunos. Porque dar é algo pronto que você chega lá e entrega, fazer é naquele momento, demanda uma sensibilidade que não é só “a lista de conteúdo, eu vou passar adiante”. Não! É preciso estar sensível às questões que emanam da realidade daquela situação, daquele lugar, daquele país. Acho que o Walber nos provoca muito a pensar sobre isso. E agora eu passo a palavra para a professora Daniela.

DANIELA AUAD

Olha só, é muito importante isso, tanto da maneira como Thalita coloca, quanto da maneira como Walber coloca, porque notem: a gente nunca está onde querem que a gente esteja! O Walter da maneira dele, a Thalita da maneira dela, eu da minha maneira. E aí eu já começo a responder às questões de onde vem esse interesse. Já mencionei que eu estudei em escolas Salesiana, eu venho de uma família de São Paulo bem conservadora, metade da minha família por parte de pai é mineira e árabe, e

metade da minha família por parte de mãe é de São Paulo, só que com descendente de italianos. Então vocês podem imaginar o absurdo que era, o racismo, o machismo, a homofobia e mais uma série de coisas. E daí vejam só, quando, em 1989, tinha já na Teologia da Libertação, no meu começo de vida política, ligada ao Partido dos Trabalhadores, da maneira igrejeira nossa, desde o modo como o PT começou e já tinha muita esta vocação. Então, o padre Pedro Antônio Ariede me colocou vestida de Justiça para entrar no Lava Pés, eu entrei em procissão até o altar, de venda nos olhos, balança nas mãos, com uma túnica, pedindo pão para quem tinha fome e vida para quem poderia ser morto de fome, de tiro ou de ignorância. Então isso me marcou tanto quanto me marcou aquela professora no ensino médio, Amarilis Pavani, que trouxe um livro da Heleieth Saffioti, assim como me marcou em 1981, a Angela Ro Ro cantando Escândalo do Caetano Veloso, que é uma música que o Caetano Veloso fez para essa cantora bem sapatão da vida dela, que quando aparecia na televisão, a família da gente falava assim “essa aí na tv, tira a menina da sala”. Então veja, nosso interesse de conhecer, de militar e de existir do modo como existimos surge até onde parecia não ter chance: dentro da igreja, assistindo a Globo, o Domingão, o Fantástico, a família italiana falava “tira a menina da sala, pelo amor de Deus”. Nas muitas situações, assim como todo mundo, quem pesquisa, quem milita, quem conhece, quem escreve, vai dando o jeito que dá.

Para vocês terem uma ideia melhor sobre isso, quem puder, indico assistir no YouTube “Amor e revolução não é só nome de novela”, no canal do Flores Raras, Grupo de Pesquisa,

Educação e Feminismos. É um curta metragem que as minhas alunas fizeram para falar um pouco da questão da homossexualidade e dos feminismos.

Esse filme é um trabalho final da minha disciplina sobre feminismo e gênero. Nessa disciplina o tema do trabalho final, para todas as pessoas, inclusive os héteros, é: “Sem sapatão, não há revolução”. Então, pensa, numa Faculdade de Educação no interior de Minas Gerais, na cidade da facada — sim, o município de Juiz de Fora —, o que é ter uma disciplina de feminismo e gênero que é a continuidade da sociologia, porque é a eletiva daquela obrigatória, em que o tema do trabalho final para todas as pessoas que cursam a disciplina é “Sem sapatão, não há revolução”? É também disso que se trata. Há de se ter coragem e essa coragem teve o padre que me vestiu de justiça, a professora que deu o livro para a gente ler na escola salesiana, a pessoa que deixou a televisão no canal em que cantava alésbica. Eu devo minha trajetória a essas pessoas e às feministas que me contaram que eu poderia transgredir por onde passasse, apesar das reações que teria de enfrentar. Nas ruas de São Paulo, desde muito cedo, o feminismo foi aprendido por mim como o exercício do desejo. Na USP, fui encontrando as pesquisadoras de gênero na Faculdade de Educação e fundei, ao lado de minhas professoras, um dos grupos de estudos de gênero, ao lado especialmente da professora Marília Carvalho, que é um grande nome dos estudos de gênero, e é uma professora que não tem medo de militante. Nesse sentido, também encontrei Maria Victoria de Mesquita Benevides Soares, a minha orientadora, na USP, que dizia: Não existem direitos humanos sem os direitos

das mulheres! E eu, uma geração depois, digo: só existem direitos humanos com os direitos das mulheres, das mulheres LBT e de toda a população negra e LGBTQIA+.

ANDRIALEX SILVA

Eu agradeço mais uma vez a fala dos três nessa rodada e queria falar um ponto sobre isso. Nunca é demais falar sobre isso, de que a palavra ciência, científico e todos seus derivados estão sendo deturpados nesses últimos anos, nesses últimos tempos e a gente precisa sempre retomar pesquisador da área das ciências humanas. Ciências sociais é ciência, e os avanços na área de gênero e de raça são avanços importantes. A gente não usa o mesmo celular que a gente usava lá no ano 2000, então por que a gente usa a mesma sigla que a gente usava no ano 2000? Então, por que se prender àqueles mesmos conceitos que a gente tinha no ano de 2000, na década de 90 por ali? É preciso que a gente pense que a ciência avança, ciência tecnológica e também ciências sociais e humanas. Eu vou fazer nessa última rodada quatro perguntas e vocês se articulam para respondê-las no tempo porque nós temos o tempo bem apertado, então dentro de 5 minutos vocês tentam responder e já colocam suas falas finais. A pergunta é a seguinte, a primeira pergunta é da Fabíola: como vocês enxergam a situação da mulher negra na EJA, quais os desafios dessa mulher para subverter a ordem imposta pela sociedade racista, sexista e heteronormativo? A segunda pergunta da Alexandra é: estou vendo que os conceitos de opressor e oprimido permeiam todos os discursos, como nós poderíamos discutir sobre isso em todos os níveis da educação? A terceira pergunta do Gabriel é: a

nossa condição enquanto minoria nos coloca diretamente nessas discussões, como vocês encontram coragem para continuar combatendo isso em sala de aula? Wilson pergunta: Pensando a relação entre universidade e escola, como espaço tempo dos estágios pode se tornar um contexto fértil para a promoção de práticas interseccionais entre classe, raça e gênero? São perguntas que cada uma daria horas falas, mas vamos tentar ser sucintos e talvez não dar respostas prontas, mas dar pistas de como a gente pode pensar e onde podemos procurar nos próximos episódios. Eu passo a fala para Thalita.

THALITA BARROCA

Bem complexas realmente as perguntas, mas eu acredito que tem algumas questões que a gente pode colocar talvez para contribuir, para refletir mesmo. Primeiro essa questão da mulher negra na EJA, é sabido que a população negra como um todo, homens e mulheres pretas, por vários motivos, por várias questões sociais são a grande parte das pessoas que se evade da escola antes do fim do ensino básico. Isso é uma questão estrutural da nossa sociedade, infelizmente, que é uma sociedade escravocrata, como a gente já falou. Eu coloco assim porque nós constantemente falamos ou pelo menos ouvimos falas, que dão a entender como se a nossa sociedade tivesse superado os estigmas da escravidão e nós estamos muito longe disso. Então é importante entendermos primeiro essa estrutura para depois sabermos quais os direcionamentos que podemos tomar para que essas estruturas sejam vencidas. É importante sempre colocar para essas mulheres, trazer pontos que abordam as realidades delas e que

façam elas se sentirem nos lugares que elas desejam ocupar, que elas podem ocupar outros lugares diferentes daqueles que a sociedade muitas vezes coloca que são os únicos espaços que elas podem estar. Não fiz EJA, mas trago para um ponto pessoal, por exemplo, na minha família, eu sou a primeira pessoa que faz uma graduação e uma pós-graduação tendo em vista que os meus pais não concluíram o ensino básico. Pensando nisso, é importante que a gente saiba, que a gente consiga mostrar para essas mulheres que existe espaço para elas nos espaços educacionais porque muitas vezes elas não sentem que têm espaço. Elas acham que a escola é um lugar que não é delas, que a universidade é um lugar que não é delas, que a pós-graduação é um lugar que não é delas, como eu já achei também. E a gente precisa colocar, incentivar e reafirmar que esses espaços são dessas pessoas, e que essas pessoas precisam ocupar esses espaços e dar ferramentas para que elas o façam, incentivar, buscar as potências e fazer com que essas potências apareçam. Explicar, mostrar para esses alunos, essas alunas que as potências que muitas vezes elas acham que são menores quando muitas vezes é uma dificuldade, por exemplo dificuldade em matemática, em conteúdo de biologia, física, química, enfim... e eu tenho uma facilidade muito grande de escrever poesia, mas o meu ensino básico, o meu letramento muitas vezes faz com que eu escreva fora da norma culta. É colocar para essa aluna que ela tem uma potência e que essa potência precisa ser jogada para o mundo, pode ser projetada. Então acredito que é importante trazer isso à sala de aula em todos os níveis. Eu acredito que está em todos os níveis, não só na EJA, mas colocar

isso para todos, desde a criança bem pequena — que muitas vezes sofre tantos lados já tantas violências que não conseguem entender qual é o espaço dela, qual espaço que pode ocupar — até o adulto, até a pessoa que está no EJA, até a pessoa que está na graduação, que está na pós graduação, que está no ensino médio, que está entre nos diversos níveis, nas diversas modalidades de ensino, e mesmo as que não estão mas que muitas vezes com seus saberes, com suas potências, com suas habilidades, nos ensinam tanto quanto quem está numa escola formal. Eu acredito que é sobre incentivar essas potências ao melhor. Alguém colocou também sobre a questão da coragem, eu acredito que essa coragem é o que me move. Se eu um dia acordar de manhã e não tiver essa coragem de querer transgredir estando na sala de aula, acho que vou perder a minha motivação de estar na minha sala de aula. Acordo às cinco da manhã para chegar numa sala de aulas às sete e tem várias crianças de 12 anos de idade me perguntando milhares de coisas ao mesmo tempo. Meu intuito hoje é não só construir ensinamentos de Geografia com eles — porque eu sempre digo para eles isso todos os dias, eu digo que eu estou construindo junto com ele mas não só construir Geografia junto deles —, mas construir também reflexão crítica, reflexão de saberes, reflexões mais amplas da nossa sociedade que nos tragam para outros espaços não só para as questões geográficas. Então eu acredito que essa coragem é o que me move, é o que me faz acordar e ir para escola nos diversos turnos, à tarde, à noite e ter essa disposição, a disposição ao planejamento, a disposição à pesquisa, a disposição ao estudo, a acreditar neles. Eu tenho muitos alunos e

ex-alunos que me procuram até hoje para conversar sobre como eles acreditam que eu os instiguei a enxergar uma potência neles que eles não sabiam que existiam, isso é o meu orgulho em ser professora, e eu acredito que se eu parar de fazer isso, de ter a coragem de fazer isso eu não sei mais como fazê-lo. Acho que isso encerra a minha fala das perguntas, mas eu gostaria muito de agradecer a professora Vandí, minha orientadora, maravilhosa, que me fez esse convite de estar aqui hoje com essas pessoas maravilhosas, agradecer também aos organizadores, organizadoras do evento, agradecer também à Daniela, ao professor Walber, a Andrialex que está aqui comigo nesse momento e momento tão rico. Agradecer amplamente a todos e também a quem está aí no chat interagindo conosco. Obrigada!

ANDRIALEX SILVA

Nós que agradecemos pelas suas falas tão potentes que nos provocam, literalmente. O Walber.

WALBER SILVA

Sobre a questão da EJA, eu acho que uma inquietação que tenho é com a extinção dessa modalidade porque esse novo currículo neoliberal não vê a EJA com bons olhos e não quer trazer investimento financeiro. Então a EJA, pelo menos na cidade onde eu trabalho, é extremamente excluída. Há 10 anos nós tínhamos muito mais alunos, hoje temos turmas com 10 alunos, 15 alunos, 16 alunos, e essas turmas vão diminuindo ao longo do tempo, os alunos vão desaparecendo. Precisamos, muitas vezes, fazer uma busca ativa para trazer esses alunos para a sala de aula e é uma dificuldade,

um desafio muito grande que temos de uma maneira geral. Só que o público da EJA, pelo menos o desse ano e de há uns dois ou três anos, é um público — e falo da minha cidade, da minha realidade, interior da Paraíba — majoritariamente feminino e são mulheres que, por alguma situação pararam de estudar porque engravidaram há alguns anos, porque se casaram, porque começaram a ter uma vida em família e isso atrapalhou outros sonhos que elas pudessem ter. Eu sempre me deparo com essas mulheres, na EJA. Eu acredito que dar aula para elas é aprender junto com elas. Recebemos um livrinho que quer que falemos sobre cidadania, sobre direitos humanos e nada melhor do que falar de cidadania, de direitos humanos pensando a própria realidade delas, enquanto elas pararam de estudar e aquele momento em que elas resolveram voltar. Acho isso bem interessante de ser pensado. Então as mulheres em geral estão voltando, muito mais que os homens estão querendo voltar a estudar. Eu acho isso maravilhoso. Tenho uma aluna que assiste aula online amamentando e não tem problema nenhum. Ela pode amamentar e assistir a aula, e a aula é rica porque enquanto ela está amamentando, ela vai debatendo o assunto conosco — isso porque, como eu disse anteriormente, eu tento sempre fugir do livro didático, sempre sair do engessamento daquela aula curricular e trabalhar outras propostas para EJA. Eu acho que trabalhar projeto é uma coisa que seria bem interessante, mapear esta sala de aula, ver quem é esse público identificando o número maior de mulheres, mulheres pretas, trabalhar conteúdos que possam ajudá-las, como Thalita falou, a descobrir as suas próprias potencialidades, não somente as pretas, mas

as brancas também, as pardas também, as indígenas também, o público em geral. Sobre a questão de ver, alguém colocou aqui, Alexander falou sobre conceitos de opressor e oprimido, como nós poderíamos discutir sobre isso. Eu vi uma outra pergunta que falava que essas questões, muitas vezes são colocadas por professores que se enquadram dentro das minorias e que isso termina sendo chato para uma grande maioria, pois que seja chato! Eu acredito que, quando um aluno fecha a cara para a gente, e ele está dentro de um padrão conservador, podemos perceber a colonização da família, da igreja, das outras vivências que aquele ou aquela adolescente passa, temos também que começar a abrir fissuras, a arranhar esses padrões, mesmo que eles achem chato, mesmo que vá contra essa rigidez conservadora da qual vai ter um diretor, uma diretora, vai ter um aluno que vai fechar a cara, “essa aula é chata, o professor só fala de gay, de mulher”, não é assim! Se esses alunos acharem chatos, pois que continuem chatas as aulas e temáticas abordadas, eles vão ter que ouvir. E acho que a ideia é essa, é criar fissuras nesse engessamento, desse conservadorismo que tende a aumentar, que tende a ser maior nesse contexto que a gente vive. Outra pergunta era sobre a nossa condição enquanto minoria que nos coloca diretamente nessas discussões. E sobre como encontrar coragem para falar de si, penso sobre um conceito de Foucault que peguei emprestado na escrita de minha dissertação de mestrado que é o da amizade como modo de vida. O que me motiva a continuar a ter essa coragem, são os amigos que eu vou formando ao longo do tempo, eu saí de uma cidade maior, de porte médio, com cerca de 450mil

habitantes, Campina Grande, a Terra do maior São João do mundo para quem não conhece, e fui para uma cidade vizinha, do interior, com 10 mil habitantes, aonde eu não conhecia ninguém e eu comecei a minha luta, a minha militância, como a professora Daniela falou, mesmo quando você não quer militar, você termina militando. Nessa minha trajetória de vida eu consegui formar vínculos afetivos cuja estética da amizade, me motiva e me dá coragem a continuar sabendo que, nessa minha trajetória, eu ainda vou seguir durante mais alguns tantos anos, formando novos vínculos, criando novos laços que, com ternura, com carinho vão me encorajado a continuar nossa luta mesmo que a gente encontre muitas barreiras pela frente, sejam elas institucionais, sejam elas de outras ordens que apareçam para tentar limitar a nossa voz, limitar o nosso corpo, as nossas falas.

ANDRIALEX SILVA

A gente agradece a fala do Walber, uma fala sensível que em determinados momentos nos emociona. Agora passo a palavra para a professora Daniela.

DANIELA AUAD

A fala do Walber é muito importante para mim também, assim como a da Thalita. Especialmente nesse trecho final de Walber, eu me lembrei de um conceito que estou construindo e que marca o memorial de Titular que estou escrevendo, porque daqui a exatamente um ano, reza a lenda que eu vou chegar ao que chamam de mais alto grau da carreira docente. Então, não apenas por isso, mas também por isso, estou escrevendo o conceito de **topografias feministas**, que é uma **teoria das mulheres**

em movimento, e também abarca as pessoas de modo geral. Walber, incluindo você. É uma teoria que se coloca a partir e para as pessoas que não se localizam onde acham que elas/a gente deveria estar; é a teoria das pessoas que não se localizam e que não são localizáveis, interditáveis, mapeáveis. Nessa metáfora *on the road*, não somos estradas. Somos o caminho, ele mesmo. Fazer nos localizar no mapa seria nos interditar, nos precisar no sentido de nos reportar, e como diria Maria Bethânia, “você não me pega você, você nem se chega me ver”, como a gente fala para os fascistas, os misóginos e os racistas. Nesse sentido, a gente está no mapa dos afetos, dos exercícios dos desejos, das amizades do continuum lésbico, como meio de vida, meio de transporte, meio do caminho. Todos os elementos da viagem cabem nas nossas topografias, a viagem é a vida, ela mesma. Nada mais democrático, da perspectiva freiriana, do que a gente está encontrando nessa teoria que você citou, na teoria que eu tenho elaborado em companhia das demais Flores Raras, no nosso Grupo de Pesquisa e Coletivo, Educação, Comunicação e Feminismo, que é um grupo sediado na UFJF, na UFSCAR, e em São Paulo, Rio, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Mato Grosso, e outros tantos lugares, porque ele está onde florescemos. Então, é lógico que isso também expressa já parte do que eu vou responder, que é de novo a necessidade, aquilo que foi dito, como é lidar com coragem com essas minorias, esta coragem dá-se o nome também de, vou repetir, **de estar junto no caminho**, de ter parcerias na viagem, de não estar só, em voo solo. Sabe aquela máxima de eu ando bem sozinha, mas com você eu ando melhor? Então essa coragem é constituída de

estar bem acompanhada, e não é sempre das pessoas que você vai concordar, porque não é dizer amém necessariamente, é inclusive aquelas que você discorda com respeito e que tem o mesmo projeto de sociedade que você, que eu, que nós.

Então nesse sentido é que a gente lida com as opressões, por exemplo expondo as opressões, respondendo à primeira pergunta. E a gente, eventualmente, também pode ter comportamentos opressores porque todos nós estamos constituídos deste mesmo caldo societário, das mesmas experiências de socialização, mas existem diferenças. Outro dia, por exemplo, um colega — já abordando a questão das mulheres negras — veio debater conosco na pós-graduação, programa de cotas para pós-graduação, e, em sendo homem branco hétero, disse assim: “me preocupa esse modo que nós estamos aplicando cotas porque um aluno por exemplo como eu não teria chance nenhuma, e nem como Daniela, porque não é branca”. E eu falei: “Ótimo! É para cada vez mais a universidade não ter a nossa cara, o objetivo é esse. O edital que não coloca gente como nós para dentro — porque nós já estamos aqui e sempre estivemos — não serve para ninguém, é de novo a volta dos que nunca estiveram aqui”. Temos de cuidar disso, que não é entregar, não é dar, é na verdade fazer o ajuste da reparação histórica, cotas para mulheres e pessoas trans, cotas para a população negra.

Assim como a intersecção das categorias constrói a exclusão, a morte, a falta de acesso, nessa mesma intersecção de categorias, vamos construir o combate às desigualdades. No entrecruzar das categorias a gente vai afinando as ações afirmativas, vai afinando o instrumento,

vai acompanhando editais e criando outros tantos, vai criando e implantando políticas públicas e acionando mecanismos para que se tenha controle social, com o fortalecimento de Conselhos Municipais, Estaduais e Federais, por exemplo.

Há de se ter necessidade estratégica de que um edital, por exemplo, de fato faça justiça social para quem de fato não está historicamente contemplado nos processos de conhecimento acadêmico, nos processos de letramento desde a alfabetização até os meios científicos. Então, obviamente a gente precisa de EJA para quem não estava no tempo da escolaridade esperado como certo, mas nós também precisamos de diferentes maneiras pessoas que encarem aqueles que estão no dito tempo certo de uma outra maneira. O homem ou mulher branco, branca, cis que não entendeu ainda que está numa condição de privilégio, que, portanto, precisa pôr seu lugar, seu cargo, seu salário, as horas em que está acordado — inclusive as horas em que dorme para restituir o que foi roubado —, quem não entendeu que precisa se colocar a serviço das populações que precisam de reparação histórica porque os nossos ancestrais roubaram populações inteiras, roubaram o seu solo, sequestraram seus filhos, se apropriaram de suas heranças. Não se trata de culpa judaica cristã, se trata de reparação histórica, de justiça social e, nesse sentido, é para a universidade não ter mesmo a nossa cara. E aí vocês me perguntam: Mas é para ter a cara de quem? Ora, a cara de quem a polícia está parando e matando todo dia? Você precisa se perguntar? Então é um pouco dessa maneira que a gente lida com as opressões nas pesquisas do Flores, com essa situação

das mulheres excluídas e com a resposta que eu penso ter dado para essas perguntas que nos foram feitas. Desculpem se não fui precisa e contida. Se fosse futebol, minha maneira de defender seria a de marcação por área, marcação pessoa a pessoa tá pouco, então a gente marca por área, é isso. Adorei estar aqui, quero me despedir mandando beijos, em modo Vaca Profana, com o leite da sabedoria de todas as nossas ancestrais mulheres negras, mulheres oprimidas, mulheres lésbicas, mulheres trans, populações oprimidas de modo em geral. Que possamos nos alimentar também do nosso amor, porque, sim, as vacas profanas têm que colocar os cornos pra fora e acima da manada. A gente não é gado, a gente é vaca profana!

ANDRIALEX SILVA

Agradeço a professora Daniela também pela fala rica. Agradeço aos três, na verdade, acho que nessa janela de lugares diferentes, e aí quando falo lugares é geográfico, mas é também social diferente, de construir uma rede gostosa para se deleitar, uma rede de aprendizagem, uma rede de conhecimento e de ciência. Agradeço também a todos que estão nos assistindo, nos ouvindo, agradeço ao Paulo pelo convite de mediar esse momento tão rico, e assim a gente encerra essa tarde maravilhosa de discussão e de diálogo. Obrigado!